

LETRAMENTO DIGITAL: OS DESAFIOS DA RELAÇÃO DISCENTE-DOCENTE

DIGITAL LITERACY: CHALLENGES FOR TEACHERS AND STUDENTS RELATIONSHIP

S. C. NERY^{1,*}, S. R. COSTA², M. S. SOUZA³

¹UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz), Departamento de Letras e Artes
Rodovia Jorge Amado, km 16, CEP: 45662-900, Ilhéus-BA, Brasil.

²UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz), Curso de Letras, Bolsista do PIBID/Inglês.
Rodovia Jorge Amado, km 16, CEP: 45662-900, Ilhéus-BA, Brasil.

³UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz), Departamento de Letras e Artes,
Rodovia Jorge Amado, km 16, CEP: 45662-900, Ilhéus-BA, Brasil.

ARTICLE INFO

Article history:

Received 2018-07-03

Accepted 2018-10-15

Available online 2018-10-31

Palavras-chave: Letramento. Era digital. Educação. Inclusão/exclusão.

Keywords: Literacy. Digital age. Education. Inclusion/exclusion.

*Autor correspondente:

E-mail: marizete08@gmail.com

RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar resultados preliminares de um estudo sobre letramento digital desenvolvido no curso de graduação em Letras. Destaca, inicialmente, a relação entre a nova era digital e o letramento no contexto da educação escolar e da correlação discente-docente, com ênfase na adequação do docente em meio à nova e desafiadora realidade das redes. Serão analisados, pois, primeiramente, a dinâmica nas relações que envolvem troca de informações e como transcorreu a passagem da leitura do meio físico – através de livros e/ou documentação escrita – para o ambiente virtual das redes. Em seguida, será analisada a relação de inclusão e exclusão digital que ocorre entre os indivíduos e como sucede-se a relação discente-docente com a tecnologia nas salas de aula. A importância de discutir de modo aprofundado esse conceito nos cursos de graduação justifica-se pela necessidade de adequar as práticas leitoras desenvolvidas nas salas de aula.

ABSTRACT: This article aims to present preliminary results of a study related to literacy in the digital age highlighting the relation between the new digital age and the literacy in the schooling context and the correlation student-teacher, with emphasis in the adequation of the teaching in the new reality of networks. This study was developed during Portuguese classes at the graduation course. In this way, at first, it will be analyzed the dynamic in the relations which involves the exchange of information and how it has turned on the during the passage of the reading in books to the reading in the network scenario. Then, the relation between inclusion and digital exclusion that occurs among students and teachers and how it happens since we focus on relation with technology in the classroom. It's important to discuss this conception n degree courses because teachers must adapt reading activities in

1. Introdução

O conceito de letramento começou a ser gestado a partir da década de 1980 no Brasil tecido nas discussões sobre a imprescindibilidade do entendimento de que o domínio da leitura estava além do simples domínio da palavra escrita, mas abarcava a escrita e também suas possibilidades de uso em dado contexto (FREIRE, 2011; SOARES, 2006). Decorridas quase quatro décadas desde essas primeiras discussões, é evidente a necessidade de ampliar o entendimento que docentes e discentes têm sobre o assunto, a fim de que algumas barreiras sejam superadas e as tecnologias sejam incorporadas ao ensino na mesma medida em que fazem parte da vida das pessoas no cotidiano.

Seguindo esse entendimento e tendo como proposta um estudo mais aprofundado sobre letramento digital a partir das aulas de língua portuguesa do curso de licenciatura em Letras, serão discutidos nesse artigo questões atinentes à difícil realidade em que o professor está inserido no meio educacional, ao processo de transição da leitura do meio físico para o ambiente virtual, exemplificando a dinâmica dos jovens leitores com as redes e como acontece a inserção da escola nessa nova relação, assim como o próprio conceito de letramento na perspectiva da era da tecnologia. Adotamos aqui a compreensão de que os conceitos de letramento e, por conseguinte de letramento digital, não são conceitos únicos, visto que contemplam não somente as dimensões individuais do sujeito, mas também as dimensões sociais que o circundam através de seus valores, práticas e usos, de seu estar e ser no mundo (SOARES, 2006).

Destaca-se ao longo do texto a máxima necessidade de escolas e institutos educacionais, como universidades, adequarem-se à nova realidade das redes, correlacionando a educação, o letramento e a tecnologia, a fim de promover a formação de uma geração letrada, a priori, alfabeticamente, e em seguida, digitalmente.

Por esse viés refletimos sobre o papel do educador na vida não apenas escolar, mas na formação integral do educando, de modo que caiba ao docente a tarefa de orientar o estudante no uso das ferramentas do mundo digital e de garantir que a tecnologia seja usada de forma a somar intelectualmente, e não subtrair, guiando-o assim nos caminhos para esse feito.

Destacamos também o perigo de a tecnologia criar exclusão em vez de inclusão social subsequente ao letramento. Mais do que ser uma pessoa “amante da tecnologia”, a simples tarefa de adaptação à essa nova realidade possui relevância imediata, classificando a proatividade dos indivíduos no meio social, profissional e acadêmico.

A relação discente-docente também é explorada neste texto a fim de desvelar os processos de construção de conhecimento, tendo a tecnologia, os aparatos tecnológicos e as redes como aliados da escola e da educação. Nesse sentido, a relação discente-docente é vista como o destaque do artigo, centrando todas as futuras percepções nesse tópico, uma vez que estes são os dois elementos cruciais para a construção de um processo pedagógico significativo, prazeroso e atualizado para quem ensina e para quem aprende.

Trata-se, pois, de um estudo que adota uma abordagem qualitativa e toma fontes de natureza bibliográfica como livros e artigos já produzidos por outros pesquisadores estudiosos do tema para propiciar a discussão (SEVERINO, 2016).

2. Educação, letramento(s) e tecnologia

A relação escola, aluno, professor com a era digital evidencia-se como um desafio a ser superado em pleno século XXI. É de conhecimento público que grande parte das dificuldades encontradas no dia-a-dia de uma sala de aula, a exemplo das condições precárias da unidade, da falta de material que acaba comprometendo a performance do educador, da dificuldade em ministrar uma aula sem o suporte institucional que, teoricamente, deveria ter como função auxiliar o docente, dentre outros fatores, revelam a fragilidade e inconstância do sistema de ensino nacional. Nesse contexto, a relação escola-discente-docente é a mais afetada e deteriora-se gradualmente face às dificuldades encontradas dentro do sistema educacional, o que explicita a necessidade de mudança, quebrando antigos paradigmas a fim de construir um modelo atual de educação eficaz.

Sobre isso, Ijuim e Tellaroli (apud Melão 2007, p.3), argumentam que “estamos perante uma sociedade que mudou a dinâmica nas relações que envolvem troca de informações, migrando do meio geográfico (físico) para o meio virtual oferecido pelas redes”. Essa migração do meio físico para o meio virtual, foi um dos pontos fundamentais para o início do aprimoramento da referida relação discente-docente na contemporaneidade. O letramento digital, tópico a ser discutido neste artigo, insere-se nessa nova perspectiva da educação, apoiando-se na tecnologia e possibilitando uma maior adesão por parte dos alunos, que, inicialmente, apresentam certa resistência ao tema. Como afirma Baccega (apud Melão 2005, p.384)

o campo da comunicação/educação é um dos desafios maiores da contemporaneidade. Não se reduz a fragmentos, como a eterna discussão sobre a adequação da utilização das tecnologias no âmbito escolar, quer em escolas com aparato tecnológico de primeira linha quer nas escolas de “pés no chão”, tendo em vista que a edição do mundo realizada pelos meios está presente em alunos, professores, cidadãos.

A dinâmica de ensino em que o professor, por meio dos livros, ministra a sua aula, ao passo em que os alunos a assistem, em segundo plano, mostrou-se eficaz até certo ponto, no passado. Na atualidade, há uma necessidade de contato expresso entre o aluno e o

professor, que pode se dar, por exemplo, por uma aula ministrada online, pois, a tarefa que inicialmente foi condicionada ao docente, de ministrar aulas, expandiu-se a ponto de ser primordial a adequação do docente ao universo dos discentes, em vista da realidade em que cada aluno está inserido.

Dessa forma, como sintetiza Fonfonca (apud Melão 2010, p.4),

uma reflexão sobre o “processo de educação” não poderá estar ausente a comunicação porque “a educação depende da comunicação para se concretizar”, cabendo ao educador o papel de investir na formação exigida pelo incremento das novas tecnologias de informação e comunicação.

Por esse viés, a comunicação referida anteriormente é suscitada de variadas formas, sendo uma delas, a comunicação online das redes. A partir do *boom* que a tecnologia propiciou na vida dos jovens, mostrou-se impossível ignorá-la. De fato, ignorá-la apenas caracteriza uma faceta de ineficiência do sistema educativo. As mídias se tornaram parte importante do cotidiano do jovem/adulto, impondo a indispensabilidade de inclusão da mesma no dia-a-dia das escolas. É fato que os aparelhos eletrônicos, a exemplo dos notebooks, têm inúmeras vantagens para o aprimoramento do aprendizado, desde que a inserção do mesmo seja feita de forma a torná-la uma ferramenta de construção de aprendizagens em sala de aula. Assim, parafraseando Roman (2006), não é mais satisfatório que o cidadão apenas saiba ler e escrever na linguagem verbal. Atualmente, é necessário que o mesmo saiba “ler” outras ferramentas, como a TV, o programa de computador, as páginas de internet, dentre outras. Ao utilizar essas tecnologias, é muito importante que o usuário saiba destacar o que é relevante ou não. É essencial, dessa forma, que os docentes se insiram no universo das tecnologias da informação e da comunicação, aprendendo a manipulá-las e, a partir daí, a guiar seus alunos no uso consciente desse aparato.

Nessa perspectiva, é evidente a impossibilidade de tomar o conceito de letramento a partir de uma perspectiva de domínio de leitura ou de escrita. Para além disso, é fundamental entender letramentos como

sociais e culturais que têm sentidos específicos e finalidades específicas dentro de um grupo social, ajudam a manter a coesão e a identidade do grupo, e são aprendidas em eventos coletivos de uso da leitura e escrita, e por isso são diferentes em diferentes contextos sócio-culturais (BUZATO, 2006, p.4).

Outra perspectiva sobre letramento, tomado-o na esfera do digital, é apresentada por Rafaela Calixto de Oliveira¹, como “a capacidade que tem o indivíduo de responder

¹ Para saber mais: <http://eduquetec.wordpress.com/2012/07/19/o-que-e-letramento-digital/>

adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital”.

Em virtude dessa concepção, faz-se indispensável que todas as escolas e universidades integrem-se a essa nova realidade, pois, o aluno por si só já pode ser considerado um nativo digital, inscrito nas redes de forma concisa. Em vista de não se deixar cair na arbitrariedade, é papel do centro educador auxiliar ao máximo o letramento dos seus discentes, correlacionando a tecnologia e o aperfeiçoamento da leitura e da escrita. O computador se constitui, dessa forma, não como um vilão ou um atraso ao letramento da criança, adolescente ou adulto, mas como um meio de maximizar esse processo, a fim de ampliar os ares do conhecimento de forma eficaz e garantir que aconteça, efetivamente, a comunicação com outras pessoas através dos sistemas computacionais. Para Soares (2002 apud Fonseca 2005, p. 25) Não existe “o letramento”, mas sim, “letramentos”, e nesta perspectiva a tela do computador se constitui como um novo suporte para a leitura e escrita digital.

Dessa forma, o “letramento” não é um conceito único, visto que abarca várias definições. O letramento digital é um tipo de letramento, frente a muitos outros letramentos possíveis. É importante frisar que o letramento digital, por ser um tipo de letramento e não, “o letramento”, é dependente de outros. Nesse contexto, para que um indivíduo possa se caracterizar como um letrado digital ele precisa, primeiramente, ser um letrado alfabético, ou seja, ter uma boa compreensão do alfabeto e dos mecanismos da leitura. Assim, corroborando com Xavier (2007), “só será possível letrar digitalmente o indivíduo se, e somente se, esse já for letrado alfabeticamente.”

Por esse viés, a relação entre o papel educador da escola com a tecnologia, além da concepção de letramento, discutidos nesse tópico, evoca a necessidade real de, para com uma mútua colaboração, incentivar os nativos digitais a continuarem se atualizando cada vez mais com a tecnologia, aproveitando o que ela possibilita de melhor, e, para os que, assim como grande parte dos docentes, ainda não se relacionam eficientemente com a nova era digital, fazeres o mais rápido possível.

Em consequência, quando um indivíduo não consegue acompanhar os avanços proporcionados pela nova era digital, ele fica “atrasado” em relação aos demais, podendo ser caracterizado como um excluído digital. A exclusão pode ser considerada mais séria ainda quando esse atraso gera dificuldade de inserção no meio social. Assim, discutiremos mais a fundo no próximo tópico como a inclusão/exclusão afeta a vida do indivíduo em questão.

3. Letramento e inclusão/exclusão social

Lidar com as tecnologias, em todas as suas dimensões, promovendo interação e dinamicidade nas salas de aula, requer a responsabilidade de aperfeiçoar as compreensões dos alunos, relacionando o mundo cultural em que vivem ao ambiente digital. Dessa forma, é notório que as novas tecnologias ampliaram consideravelmente o acesso a informações. Como se pode perceber, a dificuldade não é tanto a falta, mas o excesso de informações passíveis de uso. Como lidar com as mesmas e como separá-las em úteis e proveitosas ou inúteis?

Segundo a livre-docente em educação, professora titular emérita da Faculdade de Educação da UFMG e pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE, dessa Faculdade, Magda Soares (2003, p.50), pode-se conceituar letramento como “O conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita.”

Nessa perspectiva, uma pessoa incluída digitalmente não é aquela que apenas usa a nova linguagem do mundo digital, mas que usufrui desse instrumento para melhorar as suas condições de vida. É papel da escola, pois, incluir e letrar, digitalmente, todos os discentes da unidade escolar. Para Maria Teresa Freitas (2010, p.348),

a possibilidade de pesquisar, ler e conhecer sobre os mais variados assuntos navegando na internet confere ao aluno um novo perfil de estudante, que exige também novo perfil de professor. Cabe ao professor estar atento a essa nova fonte de informações para transformá-las, junto com os alunos, em conhecimento. Essa é uma das características do letramento digital: associar informações, ter uma perspectiva crítica diante delas, transformando-as em conhecimento.

Quando essa tarefa é realizada com sucesso, é possível formar cidadãos capazes e conscientes de seu fazer social. Do contrário, quando acontece a exclusão, pode ser considerada uma dificuldade mais profunda do que a falta de acesso aos instrumentos físicos do mundo digital. O que subjaz é um despreparo para acessar e utilizar as informações contidas.

Para Silveira (2001, apud Fonseca 2005, p.25-26),

comunicar na sociedade pós-moderna significa interagir nas redes de informação e “a maioria da população, ao ser privada do acesso à comunicação mediada por computador, está sendo simplesmente impedida de se comunicar pelo meio mais ágil, completo e abrangente.

Ainda segundo Fonseca (2005), é inerente ao ser humano que se possa acessar e participar da comunicação de forma online, e que o letramento digital é essencial para garantir o uso pleno possibilitando a “cidadania eletrônica”. Deste modo, a inclusão digital perpassa os horizontes da mediocridade, exercendo o papel fundamental de incluir os excluídos digitais ao meio social. Essa possibilidade proporciona uma maior interação do docente com seu aluno em sala de aula e um melhor resultado pela busca do conhecimento.

4. Relação discente-docente com a tecnologia e aparatos tecnológicos

Os processos de construção de conhecimento sobre a forma de aprendizagem de alunos e professores são fenômenos que necessitam ser mais estudados por ambos, mas, principalmente, pelos professores que devem estar em uma constante busca de conhecimentos, de novas tecnologias. Sobre isso, Lévy (1999 apud Magnabosco 2009, p.96) defende que:

o professor da cibercultura tem que ser um arquiteto cognitivo e engenheiro do conhecimento; deve ser um profissional que estimule a troca de conhecimentos entre os alunos, que desenvolva estratégias metodológicas que os levem a construir um aprendizado contínuo, de forma autônoma e integrada e os habilitem, ainda, para a utilização crítica das tecnologias. Essa modificação na postura do professor contribuirá para a reformulação do próprio conceito de educar.

Em decorrência disso, os sistemas educacionais precisam repensar seus métodos curriculares e preparar seus docentes tanto para se apropriarem das novas tecnologias de informação e comunicação, quanto para a prática da educação em si. Para Ramal (2002 apud Magnabosco 2009, p.96),

o educar, na cibercultura, envolverá critérios como consistência, motivação, capacidade de articular conhecimentos, de comunicar-se e de estabelecer relações; contribuindo, então, para a preparação do cidadão desta era: um ser consciente e crítico, apto a aprender sempre, que dialogue com as diferentes culturas e os diversos saberes, sabendo, ainda, trabalhar de forma cooperativa, sendo flexível, empreendedor e criativo.

Sob essa égide, o educar permanece restrito, em segundo plano se não associado às novas tecnologias. Nesse sentido, o uso dos novos aparatos tecnológicos, como por exemplo, o data-show, o notebook, o celular, o tablet, dentre tantos outros recursos de interatividade nas redes sociais corrobora para a existência de salas de aula atualizadas e eficazes que abarcam a tecnologia. É notório que os discentes aprendem de forma mais dinâmica que antigamente, época em que o professor ministrava sua aula apenas com base no quadro negro e no giz, além do livro didático, fazendo render, com dificuldade, a sua aula. Nessa perspectiva, faz-se necessária a adequação do docente a essa nova realidade das redes. É preciso deixar de lado o preconceito com o novo, pois a aprendizagem e o ensino estão ligados ao compartilhamento e à colaboração. Para Magnabosco (2009, p. 97)

o usuário necessita agora não só de conhecimentos técnicos sobre informática, como também, e principalmente, conhecimentos que o auxiliem na pesquisa e no julgamento do material online, na aquisição de uma postura crítica que favoreça sua inserção na nova realidade virtual. E essas competências podem ser desenvolvidas com o auxílio do professor que, ao utilizar as ferramentas e também estar imerso neste ambiente, pode mostrar

alternativas e ensinar condutas que favoreçam um uso consciente e crítico dessas tecnologias.

Um ponto positivo dessa correlação discente-docente é a filtragem de conteúdos online que realmente venham para somar ao intelecto do indivíduo. O docente age nesse sentido, proporcionando um direcionamento ao discente, ao passo em que garante a eficácia da relação entre a escola e a tecnologia. Se há uso da tecnologia na educação, as chances de evasão escolar, por exemplo, diminuem. Integrar e captar, pois, a atenção do aluno faz toda a diferença.

Sites como o *Youtube*, o *Google* acadêmico e blogs, por exemplo, possuem todo o potencial para facilitar tanto a aprendizagem do discente como a adaptação, nem sempre fácil, do docente nessa nova sala de aula, a fim de diminuir ou zerar por completo as taxas de excluídos digitais.

Outro ponto importante a ser discutido é a questão da comunicação discente-docente. É necessário que o professor entenda o aluno não só como um indivíduo que adentra o meio escolar em meio período e necessita dele nesse período, mas como um indivíduo em formação integral. Por esse viés, para Maria Teresa Freitas (2010, p. 340), “professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar”.

E mais,

a multiplicidade de linguagens (imagens, sons, links, vídeos, cores) dos textos contemporâneos, tanto em ambientes digitais quanto impressos, exige capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas para fazer significar. Por isso, o leitor assume um novo papel, e esse novo perfil do leitor é influenciado também pelo amplo acesso à informação e pela rápida circulação dessa informação (ROJO, 2012, p. 104)

É importante salientar, pois, que a esse novo leitor é apresentado uma nova forma de letramento com o uso de uma nova tecnologia que está ao seu alcance, proporcionando uma interação social cuja mediação é feita de maneira eletrônica.

É necessário compreender o contexto em que o discente está inserido, a linguagem e as formas de comunicação que esse discente utiliza, os sonhos e objetivos do mesmo, a fim de inseri-lo por completo no contexto escolar e proporcionar uma boa relação entre ambos. Só assim será possível formar um indivíduo letrado, a priori, alfabeticamente e, posteriormente, digitalmente.

5. Considerações

Tendo como proposta o letramento digital e a relação discente-docente, e retomando o que já foi exposto neste artigo sobre o tema, corroboramos com o pensamento de Jesus (2007, p. 6) que aconselha a postura que os docentes devem adotar para que a tarefa de inclusão digital obtenha êxito:

Por isso o professor: mude o seu método de ensino. Faça um site ou mantenha um blog. Crie conteúdos áudio e vídeo de suporte às suas aulas. Recorra a software didático de caráter demonstrativo. E acima de tudo, deixe que os seus alunos façam o percurso de aprendizagem de forma não sequencial. Lembre-se que os estudantes da Geração Net são multitarefa, ou seja, conseguem lidar com múltiplas fontes de informação em simultâneo.

Pode-se entender de forma concisa a necessidade da formação continuada do professor, pelo viés da formação digital, pois, na atual geração das redes, essa segunda formação deve ser considerada a fim de que o ensino-aprendizagem se processe de forma efetiva. A metodologia do professor deve se adequar aos diferentes recursos tecnológicos existentes, pois, não importa o quão renomado ele seja, a necessidade de diversificar as aulas é real. Além disso, essa formação visando ao domínio de recursos digitais pode ser encarada como um desdobramento da formação do profissional que, continuamente, aprende. Dessa forma, como Freitas (2010, p.349) explicita:

para formar futuros professores para o trabalho com nativos digitais faz-se necessário enfrentar a responsabilidade de uma constante atualização, a defasagem entre o seu letramento digital e o do aluno, e manter o distanciamento possibilitador de um olhar crítico diante do que a tecnologia digital oferece. Assim, espera-se que, nessa era da internet, o professor possa fazer de sua sala de aula um espaço de construções coletivas, de aprendizagens compartilhadas.

Uma aula atrativa ao aluno é, assim, uma aula que garante ao discente e ao docente estarem no mesmo patamar em termos de sabedoria digital, facilitando assim a interação e troca de conhecimento.

Nessa perspectiva, apesar do imperativo de mudança posto na atualidade, é necessário frisar que algumas dificuldades, como a disponibilização de acesso à informação, a precariedade do sistema educacional, e, por muitas vezes, a falha em letramento alfabético do indivíduo e, por conseguinte, no letramento digital, dentre outras, são dificuldades inerentes à área educacional como um todo. Apesar disso, espera-se que reflexões semelhantes às que originaram esse artigo venham a se tornar frequentes no espaço de formação acadêmica e possam contribuir para ampliar os horizontes acerca do tema, atingindo aqueles profissionais que já atuam, assim como aqueles que estão em formação.

Por fim, a formação de profissionais docentes deve ser suscitada como de extrema importância para a vida. Pois, é a partir da profissão docente que todas as outras profissões poderão existir. Portanto, as reflexões sobre a correlação escola, letramento e tecnologia,

suscitadas no presente artigo, são de extrema importância para, além das gerações, promover um ambiente escolar aberto às novas tecnologias e ao indivíduo, como um todo.

Referências

- BUZATO, M. E. K. Letramento digital: um lugar para pensar em internet, educação e oportunidades. In: Congresso Ibero-americano EDUCAREDE, 3, São Paulo, 2006. Anais. São Paulo: CENPEC, 2006.
- FONSECA, Magna de Carvalho. **Letramento digital**: uma possibilidade de inclusão social através da utilização de software livre e da educação a distância. Universidade Federal de Lavras, v. 1, p. 7-56, 2005.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 51ªed. Nova Coleção Questões de Nossa Época, vol.22. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- FREITAS, Maria Teresa. **Letramento digital e formação de professores**. Educação em Revista, v. 26, n. 03, p. 335-352, 2010.
- MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. **GÊNEROS DIGITAIS**: modificação na e subsídio para a Leitura e a Escrita na Cibercultura. PROLÍNGUA, v. 3, n. 1, 2009.
- MELÃO, Dulce. **Ler na era digital**: os desafios da comunicação em rede e a (re) construção da (s) literacia (s). EXEDRA, n. 03, p. 75-90, 2010.
- OLIVEIRA, Rafaela Calixto de. **O que é Letramento Digital?**. 2012. Disponível em: <<http://eduquetec.wordpress.com/2012/07/19/o-que-e-letramento-digital/>>. Acesso em 6 jan. 2018.
- ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012.
- ROMAN, Ângelo Edval. **Os desafios para o professor na era digital**. Educação e Humanidades, v. 1, n. 1, 2006.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24ªed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2016.
- SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- _____. **Alfabetização e letramento**. Caderno do Professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2003.